

XII ENCONTROS DE VIANA CINE MAVIDE O EXPOSIÇÕES WORK SHOPS DE 08 A 13 MAIO DE 2012

Conferência Internacional de Cinema de Viana – Cinema e Escola

11 de maio de 2012 | Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

RESUMOS

PRÁTICAS DE CINEMA NA ESCOLA

Título

O roteiro radical e o cinema na escola

Tema

Práticas de cinema na escola

Autora

Maria do Céu Diel

Departamento de Desenho da EBA-UFMG - Brasil

Nota biográfica

É graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (1989), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Atualmente é Professora Adjunta IV no Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes. Foi Chefe do Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes entre 2008 e 2010. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Gravura e Desenho e questões relacionadas à Memória e ao Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: Artes Plásticas, Artes Visuais, Memória, Educação e Memória. Pesquisa a relação da Arte da Memória com a Retórica nas produções da Arte e da contemporaneidade. Realizou estudos Pós Doutoriais concomitantes na UNICAMP, junto ao Laboratório de Estudos Audio Visuais-OLHO, sob coordenação do Prof. Dr. Milton José de Almeida e na Università degli Studi di L'Aquila, no Dipartimento di Culture Comparete, sob tutoria do Prof. Dr. Angelo Turco. Coordena o LINHA: Grupo de Pesquisa sobre o Desenho e a Palavra na EBA-UFMG. Publicou dois livros versando sobre as relações entre imagem e palavras. Realizou inúmeras exposições individuais e coletivas no Brasil e exterior. Atualmente é Bolsista da Fundación Carolina para desenvolver sua pesquisa sobre Tipografia e Arquitetura junto a Universidad de Granada em Novembro de 2011.

Palavras chave

Cinema, documentário, educação visual, Herzog.

Resumo

Pensando no documentário *O Homem Urso* (Werner Herzog, 2005), proponho a reflexão sobre o uso de roteiros radicais para a discussão de um cinema definitivo e memorável e seu lugar na educação visual de jovens. Para acrescentar elementos a discussão, também observaremos o documentário *Lições da Escuridão* (Herzog, 1992) onde imagens fortes da destruição de poços de petróleo sugerem cenários apocalípticos e arquetípicos. E pensaremos como a escola exclui o roteiro radical de seu currículo de imagens.

Título

Partilha de uma experiência de cinema na escola

Tema

Práticas de cinema na escola

Autora

Maria Fátima Nunes

ISMAI, CELCC-CEL

Nota biográfica

Doutora em Antropologia, especialidade de Antropologia Visual. Professora de Projeto Intermédia II (Estudos Fílmicos), Semiótica da Imagem Dinâmica, ISMAI, Cultura, Língua e Comunicação, Escola Secundária de Carvalhos. Investigadora do CEL-CELCC (Centro de Estudos de Língua, Comunicação e Cultura) e investigadora colaboradora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, Laboratório de Antropologia Visual, Universidade Aberta. Desenvolve atualmente investigação nos projetos Cinema na Escola, Laboratório de Antropologia Visual, UA e Cinematografia das Histórias de Vida, CEL-CELCC, ISMAI

Resumo

Desde o seu nascimento, o cinema representou as pessoas no desempenho de atividades quotidianas, profissionais, culturais, lúdicas, inseridas nas sociedades locais. O cinema enquanto instrumento e objeto de conhecimento, enquanto documento/memória de uma época, de uma cultura, de uma sociedade, construtor de realidades.

Com Méliès, a ficção, a imaginação, a magia, o encantamento, o sonho passaram a povoar os filmes e as mentes dos espetadores e a construir imaginários. O cinema nesta vertente ficcional possibilitou a experiência de viver o sonho durante o dia, na escuridão da sala de cinema.

O cinema é também um poderoso instrumento de construção de ideologias, de valores, de educação das massas (Walter Benjamin). Depois da Primeira Guerra Mundial foi usado pelos regimes totalitários, no exercício do poder, como uma arma de propaganda, de endoutrinamento ideológico.

Face a esta situação rica e complexa das imagens e dos sons enquanto construtores de realidades, de valores, de percepções, de imaginários, de ideologias, o cinema na escola tem um papel primordial no ensinar a ver os filmes, na formação do olhar. Para isso, é necessário que o professor forneça aos alunos os instrumentos de leitura das imagens e dos sons.

No entanto, a prática, que venho a desenvolver, de cinema na escola (ensino superior) não se limita ao visionamento de imagens, que constituiu um primeiro momento de contacto com os filmes, com a linguagem cinematográfica, com a análise de filmes numa perspetiva sociosemiótica, antropológica, sociológica, política...; de trabalhos práticos de elaboração de uma parte do guião a partir de uma sequência de uma obra literária. No momento subsequente, os alunos passam de espetadores a agentes criadores não de filmes mas de dois exercícios fílmicos de tema livre: um com duração de 1 minuto e outro com duração até 10 minutos.

Título

Projecto Cinema para as Escolas

Tema

Práticas de cinema na escola

Autor

Rodrigo Francisco

Nota biográfica

Gestor e programador cultural (Pós-graduação em Gestão Cultural, Instituto Politécnico do Porto, 2003), com formação superior em Comunicação Social e Audiovisual (Viseu e Salamanca, 2000). É coordenador geral do Cine Clube de Viseu, responsável pela planificação financeira e programática.

Resumo

Olhando as lacunas existentes na formação educativa em relação à sensibilização de jovens e crianças na área do cinema e audiovisual, o Cine Clube de Viseu concebeu um projecto de intervenção com a comunidade escolar, visando a criação de alternativas e complementos aos currículos. O projecto "Cinema para as Escolas", realizado anualmente desde 1999, cumpre a missão de aliar a formação pessoal e a sensibilização e formação cinematográfica e audiovisual, abrangendo, por um lado, uma ampla área geográfica (distrito de Viseu), e por outro, vários níveis de ensino (através de diversas actividades pensadas nas diferentes idades dos participantes). No contexto cultural e educativo português, a actividade do Cine Clube de Viseu procura diminuir o fosso existente entre o currículo escolar e a omnipresente cultura audiovisual.

Título

O Programa JCE- Juventude/Cinema/Escola: 14 anos de prática continuada nas Escolas do Algarve

Tema

Práticas de cinema na escola.

Autor

Graça Lobo

Isa Mateus

Direcção Regional de Educação do Algarve

Nota biográfica

Graça Lobo é Mestre em Gestão Cultural com Tese em Formação de Públicos para o Cinema. É co-autora e Coordenadora do Programa Juventude/Cinema/Escola da Direcção Regional de Educação do Algarve desde 1997/1998. Foi Professora do 2º ciclo do

ensino Básico e do Ensino Secundário entre 1975 e 1997 e professora supervisora na Formação de Professores da Escola Superior de Educação do Algarve de 1993 a 1996. Foi Professora convidada pela Universidade do Algarve para lecionar disciplinas da área do Cinema entre 1994 e 2001. É Formadora acreditada pelo Conselho de Formação de Professores, tendo realizado dezenas de ações de Formação, desde 1999. É Técnica Superior do Quadro Ministério da Educação desde 2008. Foi Vice-Presidente do Cineclub de Faro entre 1996 e 2011. Coordenou igualmente várias publicações na área do cinema. Tem feito Comunicações sobre o Programa Juventude/Cinema/Escola em Congressos Nacionais e Internacionais. É co-autora do Programa da Disciplina de Opção de cinema no 3º ciclo.

Nota biográfica

Isa Mateus tem a parte curricular do Mestrado em História de Arte Contemporânea concluída e é Licenciada em Estudos Portugueses. Tem Formação Superior em Educação Musical e Piano. Tem Formação Complementar em Harmonia. Deu aulas de História, Educação Cívica e Educação Musical no 2.º Ciclo. Foi Formadora de Comunicação Visual e de Fotografia e Vídeo. Fez rádio. Realizou montagem para cinema onde tem um filme premiado como Melhor Filme experimental no Arouca Film Festival 2008 – Mar Luz.

Trabalhou em projetos de património, cultura, arte e literatura para a Delegação Regional da Cultura do Algarve.

Integra a equipa do Programa JCE-Juventude/Cinema/Escola da Direção Regional da Educação do Algarve onde atua na produção das Festas do Cinema desde 2004 e na execução de materiais pedagógicos em DVD-vídeo desde 2007.

Integra também a equipa do Projeto VER para LER da Direção Regional da Educação do Algarve onde conceptualiza e realiza as Oficinas de Leitura, Escrita e Voz.

Faz Revisão de Textos e Edição Vídeo.

Leciona a unidade curricular de Movimentos Artísticos Contemporâneos 2 no Curso Superior de Formação Musical.

Tem artigos publicados em antologias, revistas de especialidade e literárias no âmbito da História de Arte, Literacia Artística, Poesia e Contos.

Palavras-chave

Formação, trabalho em rede, literacia fílmica

Resumo

O Programa JCE- Juventude/Cinema/Escola está no terreno desde 1998, implementado pela Direcção Regional de Educação do Algarve, foi definido nos moldes de uma Rede de Escolas. Ao longo destes 14 anos de actividades estiveram incluídas na Rede JCE 60 Escolas (das 65 existentes no Algarve), mais de 1000 professores e mais de 25.000 alunos, num total de 1200 sessões de cinema.

O Programa JCE tem como principais objetivos:

. Estabelecer uma aprendizagem para o cinema de forma sequencial e progressiva do 5º ao 9º ano e do 10º ao 12º ano de escolaridade (tendo sido, posteriormente, criada uma Disciplina de Opção de Cinema no 3º Ciclo).

. Promover a literacia fílmica

O Programa JCE- Juventude/Cinema/Escola tem vindo a apostar na formação de professores e alunos, tendo como lema:

" VER, APRENDER, AMAR CINEMA".

Dar-se-á conta da importância da metodologia, programação e materiais produzidos. Assim como, da avaliação de professores e alunos.

Título

As oportunidades de uma literacia cinematográfica a partir das reorganizações curriculares no terceiro ciclo do ensino básico

Tema

Práticas de cinema na escola

Autor

Pedro José Félix Baptista Neves

Professor de Cinema no Agrupamento Vertical Dra. Laura Ayres, Quarteira

Nota biográfica

Professor de Artes Visuais (Cinema e Educação Visual) no Agrupamento de Escolas Dra. Laura Ayres, em Quarteira.

Palavras-chave

Literacia cinematográfica, cinema na escola, recursos didáticos

Resumo

Em 2004 surgiu em duas escolas do Algarve (Quarteira e Faro) um projeto de introdução do cinema como área curricular de opção artística. Esta iniciativa só foi possível porque a reorganização curricular iniciada em 2001 abriu a possibilidade às escolas de oferecerem aos alunos outras escolhas no âmbito do ensino das artes.

Foi também graças ao projeto Juventude-Cinema-Escola que se começaram a desenhar novas ações do ensino do cinema, devido aos recursos e experiência que esse projeto trouxe para o terreno. No Algarve o ensino do cinema é uma aposta real, materializada em várias iniciativas que se têm vindo a amplificar e solidificar, contribuindo para a valorização do ensino artístico, numa região onde a maior parte do ano parece estar afastada das grandes propostas culturais

Na proposta que apresento, proponho uma pequena reflexão sobre o percurso da disciplina, as vantagens e as condicionantes que têm surgido, e sobre os recursos educativos que têm sido aplicados ou que ainda estão em desenvolvimento.

INTERCULTURALIDADES, MIGRAÇÕES E TURISMO NO CINEMA (mesa redonda)

Título

Cinema de Jean Rouch e Pensamento Contemporâneo no Século XX

Tema

Interculturalidades, Migrações e Turismo no cinema (mesa redonda)

Autor

José Alexandre Cardoso Marques

Nota biográfica

José Alexandre Cardoso Marques. Doutor em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais pela Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle. Professor / Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

Resumo

Jean Rouch, cineasta vocacionado para o antropocentrismo, realizou filmes sobre a vida real e o quotidiano. Introduz no cinema a ideia de um “modus vivendi”, em que a câmara é participante. Mais, tenta com ela reinventar a beleza, a de um real imaginado, através de representações que só o cinema é capaz de transmitir.

É nas cinematecas que o historiador Henri Langlois faz, como por magia, surgir cineastas que ficarão para a História do cinema. É nelas, como se verá na minha entrevista, inédita, a Jean Rouch, que emerge a saga de um homem, que soube perscrutar e o amar o *Outro*, partilhar a vida com ele através de uma objectiva, realizando filmes sobre etnias africanas: filmes essenciais, tanto como património artístico e cultural como também como objectos preciosos para a investigação antropológica.

Título

No coração do turismo: trânsitos de imagens e homens em *Cannibal Tours*

Tema

Interculturalidades, Migrações e Turismo no cinema (mesa redonda)

Autor

Carlos Mendes
Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Nota biográfica

Carlos Mendes é antropólogo e docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Resumo

Esta comunicação será sobre o filme *Cannibal Tours* (Dennis O’Rourke, 1988, <http://bit.ly/H1mlm5>), um documentário etnográfico australiano que acompanha um grupo de turistas ocidentais na Papua-Nova Guiné. Os locais executam danças rituais para usufruto dos visitantes, encenações etnográficas adaptadas à sensibilidade primitivista dos turistas que estes fotografam e filmam avidamente, sendo, a um tempo, produtores de imagens e objecto delas. Nos mercados improvisados, cobiçam e regateiam as esculturas da região, a que os peritos em “arte oceânica” atribuem importância. O registo destas interações é intercalado por sequências com imagens fotográficas do período colonial e entrevistas do cineasta, também ali temporariamente deslocado, com locais e turistas. *Cannibal Tours* proporciona, assim, uma oportunidade de reflexão sobre várias itinerâncias entre culturas: o colonialismo, o turismo, o circuito da “arte primitiva”, a circulação de dinheiro e o intenso tráfego de imagens culturais produzidas no contexto do turismo internacional - e também do cinema.

Título

Imagens e Sonoridades das Migrações

Tema

Interculturalidades, Migrações e Turismo no cinema (mesa redonda)

Autor

José da Silva Ribeiro e Miguel Regedor
CEMRI – Laboratório de Antropologia Visual

Nota biográfica

José da Silva Ribeiro - Formação em filosofia, cinema e antropologia. Doutor em Ciências Sociais – Antropologia. Professor da Universidade Aberta – antropologia, antropologia visual, antropologia virtual, coordenador do Laboratório de Antropologia Visual. Colabora com as Universidades de São Paulo, Savoie, Múrcia, Estadual do Ceará. Desenvolve os projectos Imagens e sonoridades das migrações e Interculturalidade afro-atlântica. Publica na área da antropologia visual e virtual, do cinema e migrações e temáticas da cultura afro-atlântica. Coordena a rede Imagens da Cultura / Cultura das Imagens e a Revista Digital ICCI.

Miguel Regedor - Engenheiro informático, director do grupo Buddies. Presidente da Associação ATBraga e instrutor de Taekwond. Estudante de Mestrado na Universidade do Minho. Participa em vários projectos internacionais em Inglaterra e Alemanha. Programador e colaborador do portal Itacaproject.com

Resumo

São múltiplas as imagens que documentam os processos migratórios e que constituem uma preciosa fonte de informação histórica, sociológica, antropológica e artística a preservar, a estudar e a utilizar no âmbito das actividades sociais e culturais das comunidades migrantes, com as comunidades migrantes e com a comunidade científica e artística. Considerações semelhantes poder-se-iam tecer acerca das sonoridades migrantes – sons, imagens sonoras, paisagens sonoras das comunidades migrantes ou veiculadas pelo cinema e pelo audiovisual. Considerámos, pois, que a criação de uma base de dados visuais e sonoros sobre as migrações, sustentada numa concepção interactiva e partilhada de saberes permite, por um lado, a disponibilização alargada de informação fílmica e sonora sobre a realidade migratória no contexto português, vincadamente marcada pelo binómio emigração e imigração. Por outro lado, a sua componente formativa potencia a aquisição de novos conhecimentos e de novas ferramentas de aprendizagem para a leitura e análise crítica e reflexiva da produção fílmica realizada no âmbito das migrações.

Decorrente deste projecto de investigação que conjuga, igualmente, uma componente pedagógica, o trabalho aqui apresentado corresponde ao guião de leitura de alguns materiais disponíveis na Base de Dados – Imagens e Sonoridades das Migrações, acessível em www.itacaproject.com.

A Base de Dados – Imagens e Sonoridades das Migrações (BDISM) visa a disponibilização online de informação fílmica, sonora e documental sobre as migrações em Portugal e na diáspora. A BDISM pretende, também, constituir-se como um instrumento potenciador de um conjunto de competências de leitura e de interpretação das narrativas visuais e sonoras sobre as migrações.

Título

Interculturalidades e Migrações no Lugar do Real

Tema

Interculturalidades, Migrações e Turismo no cinema (mesa redonda)

Autor

Carlos Eduardo Viana
Associação AO NORTE

Nota biográfica

Tem o curso superior de Cine-Vídeo da ESAP e uma licenciatura em ensino. Iniciou-se no documentarismo com Jean-Loic Portron. Bolseiro do governo francês, frequentou na Associação VARAN, em Paris, dois estágios de cinema directo (iniciação e especialização). É professor do grupo 200 (Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal) do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Resumo

Lugar do Real foi criado pela AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual. É um sítio de visionamento do documentário, de filmes e vídeos escolares e da fotografia documental, disponibilizados para fins pedagógicos, de investigação e culturais.

CALEIDOSCÓPIO DE IMAGENS – CINEMAS E ESCOLAS

Título

Paixão e Razão, hipótese do Cinema na Escola

Tema

Caleidoscópio de imagens – cinemas e escolas

Autor

José da Silva Ribeiro
CEMRI – Laboratório de Antropologia Visual
Universidade Aberta

Nota biográfica

Formação em filosofia, cinema e antropologia. Doutor em Ciências Sociais – Antropologia. Professor da Universidade Aberta – antropologia, antropologia visual, antropologia virtual, coordenador do Laboratório de Antropologia Visual. Colabora com as Universidades de São Paulo, Savoie, Múrcia, Estadual do Ceará. Desenvolve os projectos Imagens e sonoridades das migrações e Interculturalidade afro-atlântica. Publica na área da antropologia visual e virtual, do cinema e migrações e temáticas da cultura afro-atlântica. Coordena a rede Imagens da Cultura / Cultura das Imagens e a Revista Digital ICCL.

Resumo

Bergala refere que a grande hipótese do cinema, ou da arte, na escola é a do encontro com a alteridade, isto é, o encontro com o radicalmente outro no contexto escolar sem, no entanto, ser necessário uma ruptura com o ensino e com a pedagogia clássica instituídos. A força e novidade desta hipótese, continua Bergala, radicam na convicção de que qualquer forma de encerramento nos programas, nos horários dos alunos, nos docentes especializados, na lógica disciplinar reduz o alcance simbólico da arte e o seu poder de revelação. A arte para continuar a ser arte tem que continuar a ser um gérmen da anarquia, do escândalo e da desordem. As afirmações de Bergala são polémicas. Será que na atualidade a sociedade, também a escola e o cinema, só nos oferecem produtos de consumo rápido, de rápida caducidade e de consumo obrigatório ou há ainda lugar para o desejo de saber, de explorar, de criar? Este desejo do mestre e do aluno, ou dos parceiros no processo de aprendizagem, pode inscrever-se nos programas curriculares atuais? Se há uma possível mudança ela não nos revela uma outra sociedade, um outro contexto em que não é apenas possível criar mas necessário criar? Tentaremos contrapor à hipótese cinema de Bergala uma prática do cinema inscrita nos currículos escolares e ver como a excelência de muitas das suas propostas são promissoras numa outra forma de inscrição do cinema na escola.

Título

Exploración, descuberta, coñecemento. A escola de *Ser e ter* (2002)

Tema

Caleidoscópico de imagens – cinemas e escolas

Autor

Fernando Redondo Neira
Facultade de Ciencias da Comunicación
Universidade de Santiago de Compostela

Nota biográfica

Licenciado en Ciencias da Información pola Universidade do País Vasco e doutor pola Universidade de Santiago de Compostela (USC). Profesor na Facultade de Ciencias da Comunicación da USC. Autor do libro Carlos Velo. Itinerarios do documental nos anos trinta. Coordinador e editor do volumen Cidadanía e Documental. Premio Mari Luz Morales de Ensaio breve cinematográfico outorgado pola Consellería de Cultura da Xunta de Galicia. Membro da Asociación Española de Historiadores do Cine (AEHC) e da Asociación Galega de Investigadores da Comunicación (AGACOM).

Resumo

Ser e ter (*Être et avoir*, Nicolas Philibert, Francia, 2002) constitúe unha posta en imaxes que permite abrir unha reflexión acerca do esforzo pola aprendizaxe, a escola como porta de entrada á realidade exterior dende o ámbito primeiro da familia ou o coñecemento vital que se sobrepón á adquisición convencional de saberes. Dez anos depois da súa estrea este filme segue a interrogar ao espectador arredor das relacións que se establecen no eido escolar: a tolerancia co diferente, o respecto entre iguais, o coñecemento de si propio e do outro. Nestes dez anos o desenvolvemento tecnolóxico continuou o seu devalar imparabile nos eidos da comunicación e da educación. O ensino, porén, antes e agora, segue a ser, no fundamental, exploración e descuberta do mundo na interrelación cós demais. A análise formal de *Ser e ter* propónse pescudar na elaboración dun discurso que, ao tempo que mostra un mundo, interpela ao espectador sobre a súa propia experiencia da aprendizaxe e o crecemento vital e intelectual. E ademais mostra un mundo (unha escola no rural) sen forzar as situacións, sen case intervir, mantendo a distancia xusta para unha observación atenta e respectuosa, unha observación que se quere reveladora de xeito que sexan os propios actores sociais (nenos, pais, mestre), as súas accións, as súas actitudes e xestos, as que constrúan un universo fílmico poboado de verdade, un anaco do real disposto para interpelar e emocionar ao espectador.

Título

O Museu como um paradigma de comunicação: Reflectir sobre as obras de arte nos museus a partir do cinema.

Tema

Caleidoscópico de imagens – cinemas e escolas

Autora

Genoveva Oliveira
Centro de Investigação de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora

Palavras chave

Cinema, Museu aberto, comunicação, construção do olhar

Nota biográfica

Licenciada em História e Ciências Sociais, mestre em História regional e Local (Vertente História de Arte/Museologia), Doutoramento em História de Arte/Museologia, é investigadora do Centro de Investigação de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora. Participa em diversos projectos de investigação em educação artística e museologia, tendo apresentado já diversos artigos científicos e diversas comunicações em Portugal e no estrangeiro.

Resumo

Se o museu como um veículo de comunicação permite a construção cultural do olhar, o cinema transmite igualmente as diferentes formas de perceber e compreender o mundo, através das quais podemos entender como as histórias singulares se cruzam com as histórias colectivas. Uma história passa pelo desvendar das relações socioculturais, pela tentativa de definição do seu lugar. Sabemos porém, que qualquer imagem já chega até nós “deformada” por esse desejo e capacidade de desvendar ou ocultar. A proximidade entre o cinema e o museu é engrandecida cada vez mais nos caminhos da sociedade contemporânea procurando-se a descoberta do indivíduo social. Esta conexão faz-se das mais diversas formas: por um lado, o papel do museu contemporâneo em se afirmar cada vez mais como o de dar voz a artistas, como os cineastas, que devido à especificidade das suas obras, não teriam outra maneira de as realizar. Por outro lado, o cinema engrandece e divulga o museu enquanto espaço de exposição e de comunicação.

Título

A Arte na divulgação Científica – o papel do Cinema

Tema

Caleidoscópio de imagens – cinemas e escolas

Autores

João Moura Alves
Anabela Moura Correia

Notas biográficas

João Moura Alves é licenciado em Bioquímica e Doutoramento em Ciências Biomédicas pela Universidade do Porto. Desenvolve actualmente trabalho de pós-doutoramento, na área da Diabetes, entre o Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) de Coimbra e a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP).

É docente do IPVC desde 2004, sendo equiparado a Professor adjunto desde 2009 e exercendo funções entre as Escolas Superiores de Educação e Saúde. Lecciona desde 2010, entre outras, a inovadora unidade curricular de Arte, Ciência e Divulgação Científica dos cursos de Mestrado em Educação Artística e Gestão Artística e Cultural da ESE-IPVC.

Publica regularmente artigos de investigação e é revisor em revistas internacionais na área da saúde.

Organizou vários eventos de divulgação científica, entre os quais, as várias edições das Tertúlias Científicas de Viana do Castelo.

Anabela da Silva Moura Correia é Licenciada em Artes Plásticas, pela Escola Superior de Belas Artes do Porto (1986), Mestre em Art, Craft & Design Education, pela Universidade de Montfort, Leicester, (1993) e Doutorada em Multiculturalidade e Ensino Artístico, pela Universidade de Surrey, Roehampton, Londres (2000).

É docente na Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC) desde 1986 e desde 2001, Professora Adjunta de nomeação definitiva.

Foi Coordenadora Portuguesa do Curso de Mestrado em Art, Craft and Design Education, que decorreu na ESE-IPVC entre 1997 e 2006, após assinatura de protocolo de colaboração com a Universidade de Surrey-Roehampton, Londres. Coordenou a 1ª e 2ª Edições do Mestrado em Educação Artística entre 2007 e 2009, coordena a Licenciatura em Gestão Artística e Cultural, desde 2007 e o Curso de Mestrado em Gestão Artística e Cultural, desde 2010.

É investigadora do Centro de Estudos da Criança, da Universidade do Minho e tem desenvolvido investigação no âmbito da Multiculturalidade, Educação para a Cidadania e Educação Artística a nível nacional e internacional.

Publica regularmente artigos e capítulos em livros e revistas nacionais e internacionais. Coordena desde 2009, a Revista "Diálogos com a Arte"- Revista Científica, em parceria com a Universidade do Minho e a Universidade Federal de Belo Horizonte, Brasil. Desde 2002 é membro de Equipas Editoriais, como revisora e avaliadora, Coordena as Conferências Internacionais de Educação Artística e o Fórum Internacional de Gestão Artística e Cultural (FIGAC), que decorrem anualmente na ESEVC e contam com a colaboração de investigadores de diversos países com quem a ESEVC mantém convénios e protocolos de colaboração, como é o caso das Universidades do Minho, De Montfort em Leicester e Roehampton em Londres (Inglaterra), Federal de Belo Horizonte(Brasil) e Charles University, em Praga. Colabora como consultora da Oficina Cultural do IPVC.

Resumo

De acordo com Pacheco (1995), as escolas devem refletir constantemente sobre o ensino que ministram, devendo este ser caracterizado pela mudança e inovação e estar preparado para responder aos muitos desafios internos e externos que surgem continuamente.

Este tipo de modelo de desenvolvimento curricular, contribui para a formação da prática de intervenção emancipatória, social e cultural, e parece apropriado para a formação de estudantes que irão trabalhar na área das Artes e/ou Educação.

O presente estudo reflete sobre o programa de uma nova disciplina de Arte, Ciência e Divulgação Científica, aplicada aos cursos de mestrado em Gestão Artística e Cultural e Educação Artística, durante o ano letivo de 2010 e 2011, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Este módulo foi entendido como um espaço formativo que ajudou professores de arte e gestores culturais a desenvolverem uma compreensão básica sobre a geração e difusão de conhecimento científico e artístico através de várias formas e usando diversas ferramentas, tais como o Cinema. Durante este módulo foi ainda analisado o papel da ficção científica como ferramenta de divulgação do conhecimento científico.

A partir deste estudo concluiu-se que esta disciplina permitiu criar um necessário elo curricular entre o conhecimento científico e artístico, permitindo ainda compreender as semelhanças e especificidades da sua divulgação. Esta abordagem ajudou Professores de Arte e Gestores Culturais a analisarem, de uma forma integradora, a formação de conhecimento e a sua disseminação, sob várias formas e em diferentes contextos.

Título

A motivação como fator relevante para o sucesso em Mr. Holland's Opus

Tema

Caleidoscópio de imagens – cinemas e escolas

Autor

Maria do Céu Marques
Universidade Aberta – CEMRI

Nota biográfica

Maria do Céu Marques é Professora Auxiliar, com nomeação definitiva, do Departamento de Humanidades, Universidade Aberta. Licenciada em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa e doutorada em Filologia Inglesa pela Universidade de Salamanca. Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) Laboratório de Antropologia Visual, na área de Literatura e Cinema.

Tem orientado dissertações de mestrado e teses de doutoramento e participado em vários colóquios em Portugal e no estrangeiro. É autora de vários artigos nas áreas da literatura, cultura e cinema.

Resumo

A opinião pessimista manifestada por Thomas A. Edison em relação ao papel do cinema na educação mudou de uma forma bastante positiva ao longo do século XX. A importância da imagem na sociedade atual e a evolução daquele que foi considerado um "entertainment toy" contribuíram para modificar mentalidades, sendo as relações entre o cinema e a escola bem diferentes das que existiam no século passado.

A influência dos educadores na vida pessoal dos alunos e as ligações e atitudes destes relativamente aos seus mestres têm sido exploradas pelo cinema ao longo das últimas décadas, existindo uma grande diversidade de olhares de acordo com as épocas e os realizadores.

A partir da obra cinematográfica Mr. Holland's Opus, propomo-nos explorar a relevância da vocação do professor e o seu envolvimento no trabalho diário, as funções da escola e a sua importância no desenvolvimento da personalidade e comportamento dos alunos, as relações professor-aluno, a questão da motivação e do valor do trabalho coletivo, as dificuldades enquanto motores de novas oportunidades, o respeito pela liberdade individual e a aceitação do "outro".

Título

O trevo teórico aplicado ao cinema como instrumento de construção de conhecimento

Tema

Caleidoscópio de imagens – cinemas e escolas

Autor

Ana da Palma
Mestrado em Arte e Educação, Universidade Aberta

Nota biográfica

Viajante activista entre as palavras e as imagens, Mestre em Arte e Educação, Tutora, Formadora, Tradutora, poeta das horas vagas na Invicta e mãe de dois Sóis Saltitantes.

Palavras-chave

Construction Knowledge Education Cinema Words

Resumo

«Uma teoria não é uma chegada, é a possibilidade de uma partida.»

(Morin, 2004: 23)

As time and space lose their specific limitations and definitions. As words and images project their ephemeral power into dissolution. As human kind concentrates on the image-simulacrum of its own body and conceives its

humanity on individual consumerism. Art, and within art, cinema has an important role to play in the contemporaneous educational context. We believe that cinema is a powerful tool to reconnect knowledge and affection. Therefore, we will propose and explain the theoretical clover applied to cinema, which seeks and pursues a coherent alliance between fields of knowledge and the emergencies faced by the contemporaneous world. We will present and explain this theoretical path based on two principles: dialogism and citizen literacy as key elements organizing knowledge in turn of three binomials defined as time and space; words and images; citizenship and world.

Título

O 'Ruído' no Cinema, uma preocupação estética do século XXI

Tema

Caleidoscópio de imagens – cinemas e escolas

Autor

Carlos Faustino
CEAA/CIAC

Nota biográfica

Mestrando em Estudos Artísticos na FBAUP
Investigador Integrado no CEAA e colaborador no CIAC

Resumo

O aparecimento de novas tecnologias que visam aperfeiçoar os defeitos do ponto de vista técnico no Cinema acarretam também, uma carga nostálgica no que toca à estética da imagem, que anteriormente, era obtida através dos processos 'tradicionais' de filmagem. Devido ao manuseamento de meios físicos, como a película, de processos químicos para a revelação do filme, bem como o uso em demasia de uma cópia para projeção, o resultado final passava a apresentar elementos "ruidosos" que ocupavam a imagem projetada, não fazendo parte do designio do realizador.

Neste momento, com a facilidade de operação e disponibilidade de programas informáticos para a 'limpeza' de erros e até pequenas falhas no ato da filmagem, o espetador, tal como o realizador, vem a notar a necessidade de algo mais para além do que foi filmado. Além do produto final.

Atualmente existem programas que possibilitam a inserção de elementos 'ruidosos' numa imagem 'limpa', capturada com a maior nitidez possível que a tecnologia oferece.

Temos como estudo de caso, para além de inúmeros projetos experimentais, a recente longa-metragem, "O Artista" de Michel Hazanavicius, que para além de recorrer à estética do cinema antepassado, persiste com todas as limitações que o mesmo tinha.

Independentemente da intenção do realizador, da mensagem que este desejaria passar à sua audiência, ou até mesmo da qualidade narrativa e performativa do próprio filme, "O Artista" assume uma posição de confrontação com toda a produção contemporânea.

Creio ser necessário repensar a necessidade de representação da realidade no Cinema, em prol de uma vertente artística oferecendo a possibilidade do 'erro' e do 'ruído' aparecerem como elementos pertencentes ao espetáculo.

Título

Estudo do Director de fotografia e a câmara, uma relação íntima e amorosa com os actores.

Tema

Caleidoscópio de imagens – cinemas e escolas

Autor

Maria Raquel Paulo Rato
Doutoranda e bolseira da FCT em estudos de Cinematográficos e audiovisuais na Universidade da Sorbonne
Nouvelle Paris – 3

Nota biográfica

Maria Raquel Paulo Rato Alves, formada em Animação Educativa e Sócio-Cultural e em Cinema, fez um mestrado na Universidade de Salamanca. Actualmente prepara uma tese de doutoramento como bolseira da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais, na Universidade da Sorbonne Nouvelle Paris – 3, com o tema: A Luz no Cinema: estudo da obra de Acácio de Almeida como Director de Fotografia.

Maria Raquel, realizou alguns filmes experimentais e publicou artigos na área da Direcção de Fotografia Cinematográfica. Participa regularmente em colóquios e conferências em Portugal e no estrangeiro.

Resumo

A relação do Director de Fotografia e a câmara, Acácio de Almeida, com os actores, apresentando as várias fases de trabalho desenvolvido do Director de Fotografia com os actores e a relação com a câmara:

- Sendo a objectiva da câmara, fria, analítica, aparentemente sem emoções, pode determinar emoções, pois na realidade ela é uma máquina mas, talvez a pessoa que está por detrás é um ser humano (Director de Fotografia) e isso talvez ajude a humanizar sentimentos.

- A câmara, na medida em que o conteúdo que ela filmou transmite emoções, vêm de facto e particularmente do actor. A câmara, um olhar de transfiguração que se opera dentro dela própria e que estando correlacionada com o fenómeno da transcrição óptica, o fenómeno da objectiva e a escala da objectiva. O simples facto de a objectiva reduzir e determinar um quadro onde todas as energias ficam inscritas.

Título

Os elementos figurativos do Apocalipse no cinema: revelações, imagens e sons em Lições da Escuridão e Andrei Rubliov

Tema

Caleidoscópio de imagens – cinemas e escolas

Autor

Eduardo Antonio Jordão

Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Brasil

Nota biográfica

Eduardo Antonio Jordão, nasceu em Americana, estado de São Paulo, Brasil, graduou-se em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde também cursou o Mestrado, na área de História, Filosofia e Educação. No ano de 2008 ingressou no Doutorado em Educação para realizar sua pesquisa junto ao grupo de pesquisa OLHO, da Faculdade de Educação da Unicamp, e estuda imagens do apocalipse no cinema e na pintura. Publicou o livro "Agostinho: educação e fé na Cidade de Deus", fruto do trabalho realizado no Mestrado; possui outras publicações e apresentações também relacionadas a esta temática. Em 2012, passou a fazer parte do grupo de pesquisa LINHA, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela Profª. Drª. Maria do Ceu Diel de Oliveira. Trabalha como Professor Coordenador nas escolas públicas municipais de Americana e, atualmente, lidera a formação pedagógica dos coordenadores que atuam nas creches.

Palavras-chave

Apocalipse – Cinema – Elementos figurativos

Resumo

Como se pode falar ou mostrar no cinema situações que nunca vimos ou que apenas permanecem em nosso imaginário? Andrei Tarkovski nos diz que o Apocalipse é a imagem do ânimo humano, com sua responsabilidade e seu dever. À luz disso, ocorre dizer que o homem está vivendo aquilo que era o tema da revelação de João no último livro que encerra o Código cristão. Essas vivências, ou situações, viram revelação cinematográfica ao saltar do texto e do mundo para aparecerem nos filmes, a ponto de podermos nos perguntar: como o filme refaz o texto, ou como o texto vira filme? Películas como Andrei Rubliov ou Lições da Escuridão criam apocalipses cinematográficos ao usar elementos iconológicos que figuram e remetem ao texto joanino. A recorrência de tais elementos que aparecem nos filmes faz com que o Apocalipse migre para os roteiros e, posteriormente, para as imagens e sons projetados/emitados. Este trabalho pretende apresentar alguns desses elementos figurativos e mostrar como eles se revelam na composição e criação de apocalipses no cinema, a partir da intuição que Tarkovski e Herzog tiveram deste tema.

CINEMA, NOVAS NARRATIVAS E NOVAS TECNOLOGIAS

Título

Documental interactivo: Fragmentación, inmersión e participación para construír o real.

Tema

Cinema e novas tecnologías

Autor

María Yáñez Anllo

Nota biográfica

María Yáñez Anllo (Lugo, 1978) é xornalista, investigadora e produtora de contidos dixitais. Dende marzo do 2011 coordina a web do proxecto de investigación Le.es (Literatura Electrónica en España) da Área de Teoría da Literatura e Literatura Comparada da USC, ao tempo que investiga en narrativas dixitais e cursa o Master en Estudos Teóricos e Comparados da Literatura e da Cultura na mesma Universidade. É socia fundadora de A Navalla Suíza, unha empresa de comunicación dixital especializada no desenvolvemento de aplicacións web e ferramentas de vídeo online, como Flocos.TV ou Lugar do Real, e desenvolvemento de proxectos transmedia.

Ten unha ampla experiencia nos medios dixitais en Galicia, tamén na industria do cinema, e como guionista e directora de documentais e programas de televisión. En 2003 publicou o blog Todo Nada, que foi un dos primeiros en expandir a comunidade de blogs en galego, e que pechou tres anos máis tarde. Desde entón participou en diversos blogs especializados e colaborou en distintos medios como El País, 20 minutos, Radio Galega ou Vieiros, desaparecido xornal electrónico no que foi directora no 2006. En 2005 fundou Edicións da Rotonda, a primeira editorial dixital en galego, coa que publicou a novela O home inédito, de Carlos G. Meixide.

Na actualidade está interesada na investigación comparada de narrativas dixitais e transmedia, e no desenvolvemento de conceptos como o documental interactivo, open source cinema, cultura do remix e cinema colaborativo e de base de datos. Con A Navalla Suíza está a explorar as posibilidades do HTML5 para mellorar a experiencia de ver vídeo online, e axudar a realizadores a construír narrativas complexas mesturando vídeo e linguaxe web. Entre outros traballos, colaboran no proxecto Web Made Movies coa Fundación Mozilla e o National Film Board de Canadá. En 2010 o seu equipo gañou o certame «Content 360º» do MIPTV de Cannes, dentro da categoría «Next Generation Online Video Experience», co proxecto Augmented Films.

Como investigadora independente colabora co proxecto EMBED (audiovisual integrado), e coa comunidade i-Docs, que organiza o festival do mesmo nome na cidade de Bristol (UK). Formou parte, entre outros, dos comités de valoración de proxectos nas axudas do ICAA (Ministerio de Cultura) a obras audiovisuais feitas con novas tecnoloxías.

Resumo

Nos últimos anos vén emerxendo na rede un artefacto, o documental interactivo (ou i-doc), no que están a converxer boa parte das técnicas e experimentos narrativos da non ficción dos últimos anos. Trátase dun formato ou xénero híbrido que combina hipertexto, multimedia, narración inmersiva procedente dos videoxogos, performatividade, locative media, espírito colaborativo baseado na filosofía do crowdsourcing... Son tantas as posibilidades que o documental interactivo nos ofrece que moitas veces até é complicado delimitar cando falamos dun i-doc ou doutra cousa. Polo tanto, este novo artefacto suxírenos moitas preguntas que nos fan reflexionar sobre o momento que vivimos tanto no mundo audiovisual, como no xornalístico, como no da propia internet. Que é un documental interactivo? Existe xa algunha tipoloxía? Cales son os mellores exemplos de i-doc dos últimos anos? Cara a onde camiña? Quen está a producir e a crear i-docs? Formularemos estas preguntas tratando de atopar as respostas na produción máis recente, pero tamén trataremos de buscar a súas orixes artísticas para así proxectar as posibilidades no futuro.

Título

Formación audiovisual e nativos dixitais

Tema

Prácticas de cinema na escola

Autor

Manolo González

IES Concepción Arenal do Ferrol

Nota biográfica

Licenciado en Sicoloxía (Universidade Complutense, Madrid 1977). Director do I.F.P. Allariz (1979-82), onde realiza as primeiras experiencias de vídeo na escola en Galicia.

En 1984 foi responsable da Área de cine e vídeo da Dirección Xeral de Cultura, organizando as primeiras axudas públicas ao cinema e vídeo galegos, coordina o programa *A imaxe na escola* (curso 1984-85) e foi responsable da *Videoteca de Galicia* (1984-85) xermolo do que será posteriormente o CGAI.

Ten publicado numerosos artigos e impartido charlas e cursos sobre vídeo e imaxe na escola e o audiovisual no ensino.

Organizador da sección de vídeo e as actividades paralelas de XOCIVIGA (1984-1989). Con X. L. Cabo cataloga e fotografía o patrimonio cinematográfico galego, materializándose este traballo na exposición itinerante *Cinematógrafos galegos* (1986-1987).

En 1988 entra a traballar na produtora *Videovoz TV*, desenvolvendo funcións de arquivo, produción, guión e realización en diversos programas e series para TVG como *Encontros*, *Galicia no cine*, *A mellor TV do mundo ou Extramuros* entre outros.

Participou na investigación e catalogación da memoria audiovisual da emigración galega. A súa tese de doutoramento en historia versa sobre "*A emigración no cinema español*". Entre outros, publicou o libro: *Documentos para la Historia do cine en Galicia (1970-1990)*, así como participación en varios libros colectivos (*Historia do cine en Galicia*, *Diccionario do cine en Galicia*..etc) e numerosos folletos e artigos sobre audiovisual galego especialmente sobre patrimonio e formación audiovisual.

Creador e director da Escola de Imaxe e Son de Galicia (1990-1998).

Profesor no Master de produción e xestión audiovisual da Universidade de Coruña (1998-2011) e profesor asociado na Facultade de Comunicación Audiovisual da Universidade de Vigo (2004-2007). Nos anos 2004-2005 foi o director de desenvolvemento da produtora de animación *Dygra* Filmes.

Participou en numerosos eventos, festivais e mostras audiovisuais, así como en charlas e coloquios en foros nacionais e internacionais. Foi Premio de honra Fernando Rey en 1999, pola súa "contribución ao desenvolvemento da industria audiovisual galega" e premio AISGE no 2006 "pola súa traxectoria" e no 2011, o premio Leixapren da Coordinadora de Equipos de Normalización Lingüística

Dende o ano 2006 ao 2009 dirixe a Axencia Audiovisual Galega da Consellaría de Cultura e Deporte da Xunta de Galicia, coordinando as convocatorias de axudas á produción da Xunta de Galicia, deseño e contidos da web da Axencia Audiovisual Galega (Premio á mellor páxina institucional en galego no ano 2008) e impulsando novos proxectos para o audiovisual galego como *Cinemas Dixitais*, *Flocos.TV* (Premio Mestre Mateo 2009), ou *Memoria do século XX*.

Actualmente traballa como profesor de Historia no IES Concepción Arenal do Ferrol e xestiona o canle de vídeos de Historia de España Cliphistoria: <http://www.youtube.com/user/cliphistoria>

Resumo

A miña participación pretende reflexionar sobre procesos e métodos de ensino do cinema á xoves e adolescentes contemporáneos. Parto da constatación de que vivimos nun sistema educativo do século XIX, cun profesorado do XX e un alumnado do século XXI, o que quizais sexa fonte de disfuncións e desencontros. A meirande parte das experiencias de formación audiovisual no ensino naceron en tempos analóxicos. Mais os adolescentes contemporáneos - nativos dixitais en expresión de Prensky – están a cuestionar moitos dos procesos de aprendizaxe tradicionais, por cuanto viven inmersos nun entorno tecnolóxico diferente ao dos seus profesores. Posiblemente os profesores de imaxe precisemos "entender" os novos tempos e renovar metodoloxías, sen perder rigor ou calidade nos contidos que consideramos imprescindibles. Pretendo comunicar os resultados dunha modesta experiencia de formación audiovisual para os alumnos do IES Concepción Arenal (Ferrol) en 1º de Bacharelato (16 anos) e posto en marcha no curso 21011-2012. Nela utilízanse numerosas ferramentas do entorno dixital, nun contexto colaborativo, participativo e democrático, no que o alumno utiliza o seu teléfono móbil ou cámara fotográfica como un bolígrafo.

Título

O quotidiano na tela

Tema

Cinema, novas narrativas e novas tecnoloxías

Autor

Rosane Zanotti

CEMRI – Laboratório de Antropologia Visual, Universidade do Espírito Santo.

Nota biográfica

Professora assistente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/Brasil), investigadora do Laboratório de Comunicação e Cotidiano/UFES e do Laboratório de Antropologia Visual/Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta (CEMRI/UAB – Portugal). Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atualmente cursa o programa de doutorado em Design da PUC-Rio. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Visual, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, design gráfico, novas tecnoloxías e fotografía.

Resumo

Os portais de exhibición de vídeos na internet, somados a dispositivos dixitais como cámaras fotográficas e teléfonos celulares, surgiram como un importante reductor de barreiras técnicas entre o suxeito que ocupava un lugar exclusivamente de audiencia e este mesmo suxeito, potencial produtor de contido audiovisual.

A partir da popularización do YouTube enquanto importante facilitador para o compartillamento de vídeos, o que hoje lhe garante un lugar de destaque na comprensión da cultura popular contemporánea, foi possível perceber que dentre as muitas posibilidades de contido a serem exhibidos a plataforma se tornou una referencia enquanto espaço de exhibición do quotidiano.

O principal objetivo desse texto é explorar essa forma peculiar de narrativa do quotidiano a partir dos conceitos de Michel de Certeau, das práticas e táticas que o autor atribui ao "homem ordinário" capaz de fazer uma releitura e reinventar o quotidiano dado pelo poder econômico, a ordem social e as políticas culturais a partir de suas referências e seus interesses, e do entendimento do Youtube numa perspectiva da cultura participativa, e não somente como distribuidor de contido audiovisual.

Título

Vestígios audiovisuais: os usos do passado na produción do documentário experimental

Tema

Cinema, novas narrativas e novas tecnoloxías

Autor

Renata Rezende.

Universidade Federal Fluminense (UFF- Brasil)

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Nota biográfica

Atualmente é professora Adjunta do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atuou até março de 2012 como professora Adjunta do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde criou o projeto Vestígios Audiovisuais e ainda é coordenadora do mesmo. Doutora em Comunicação pela UFF. Mestre em Comunicação e Imagem pela mesma instituição. Pesquisadora do grupo Sociedade Midiatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas.

Palavras-chave

Produção audiovisual; documentário experimental; espaço; tempo; memória.

Resumo

A comunicação que se propõe traz como tema o projeto de extensão Vestígios Audiovisuais, criado em 2010, no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil), cujo principal objetivo é resgatar e produzir memória a partir do desenvolvimento de narrativas audiovisuais experimentais. O projeto desenvolve documentários a partir de arquivos de imagens da própria instituição, conectando tais conteúdos às imagens atuais produzidos pelos alunos participantes e, com isso, promove a recuperação do passado, na medida em que utiliza o acervo imagético há muito tempo desativado. As novas imagens são desenvolvidas a partir de experimentações, com os alunos, a partir do uso de dispositivos tecnológicos atuais, como câmeras fotográficas digitais e aparelhos de telefone celulares, hoje muito presentes no cenário da produção audiovisual alternativa e independente. A inclusão desses dispositivos no projeto tem a intenção de incentivar os alunos a gerar novas criações, utilizar novas linguagens e diversificar conteúdos, conectando, assim, narrativas do passado e do presente na formulação da memória.

Além de proporcionar a prática de produção audiovisual na extensão universitária, como a produção é circulada no canal de TV Universitário (TV UFES), nas redes sociais e também no blog1 do projeto, acredita-se que o Vestígios Audiovisuais contribui enquanto meio de comunicação e expressão como um projeto de rememoração no qual o passado penetra na estrutura do presente, não como mera nostalgia, mas enquanto tempo reconstituído.

Título

Cinema na escola: prazer e aprendizagem em ambientes virtuais

Tema

Cinema, novas narrativas e novas tecnologias

Autor

José António Marques Moreira

Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta

Nota biográfica

Doutorado em Ciências da Educação, especialidade em Formação de Professores, pela Universidade de Coimbra. Pós-Graduado em Multimédia pela Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Professor Auxiliar no Departamento de Educação e Ensino a Distância (DEED) da Universidade Aberta. Membro do Laboratório de Educação a Distância e Elearning (LE@D) da UAb e investigador no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra. Recentemente tem publicado diversos artigos em revistas científicas nacionais e internacionais e participado em vários congressos na área da Educação Online.

Resumo

Em tempos de profundas mudanças sociais, económicas e culturais e da vertiginosa evolução das tecnologias de informação e da comunicação (TIC) deparamo-nos com a necessidade de (re)pensar e renovar os processos de ensino-aprendizagem, numa escola cada vez mais plural e onde a exigência de uma pedagogia versátil e personalizada é inquestionável. Conscientes desta necessidade, na generalidade, as escolas têm vindo a apresentar iniciativas reformadoras, contemplando nos seus planos estratégicos e novas molduras de funcionamento, onde ao e-learning e/ou b-learning é reconhecido lugar. E muitos professores, respondendo a este repto, têm procurado recorrer a objectos de aprendizagem (OA) audiovisuais responsivos e eficazes que tornem estes processos de aprendizagem mais sofisticados. No entanto, quer por razões pedagógicas, tecnológicas ou formativas, nem sempre tem sido tarefa fácil. Assim, parece-nos fundamental realizar uma abordagem que aponte algumas possibilidades de exploração e integração do filme em contexto do ensino online. A nossa própria prática profissional, em instituições que promovem o uso destes novos ambientes, tem contribuído para uma reflexão constante acerca das possibilidades de didactização do vídeo. Assim, com o intuito, de reflectir, com alguma profundidade, acerca destas questões, apresentamos, neste trabalho, alguns exemplos de estratégias e um modelo de aprendizagem de suporte, que utilizamos na nossa prática pedagógica, adaptável a qualquer nível de ensino, no sentido de promover o uso eficiente de imagens filmicas na escola.

Título

Introducción al uso de móviles para la enseñanza de los lenguajes audiovisuales y la introducción a la narrativa audiovisual

Tema

Cinema, novas narrativas e novas tecnologias

Autor

Isabel Martínez (Universidade de Vigo) e María Gallego (Universidad Complutense de Madrid)

Nota biográfica

Isabel Martínez - Licenciada en Comunicación Audiovisual y en Publicidad por la Universidad de Vigo. Tiene trabajado como jefa de producción en el largometraje Arraianos dirigido por Eloy Enciso, o en los documentales Vikingland o Jas Ban Ader, obra realizada con motivo de la retrospectiva del autor en el CGAC. Colaboradora habitual del periodista Manuel Campo Vidal, en la actualidad, compagina el desarrollo y producción de diferentes proyectos audiovisuales con la actividad docente, como profesora asociada en la Facultad de Ciencias Sociales y de la Comunicación de la Universidad de Vigo donde prepara su tesis de doctorado en torno al cine de no ficción gallego.

María Gallego - Directora del Departamento de Estudios de la Academia de las Ciencias y las Artes de Televisión.

Licenciada en Periodismo por la Universidad Pontificia de Salamanca y doctoranda en Periodismo por la Universidad Complutense de Madrid. Experta en Comunicación Institucional y Empresarial por la Universidad Complutense de Madrid y Máster Oficial en Estudios Feministas por la Universidad Complutense de Madrid.

Guionista, redactora y productora de Global Local Internacional (TVE Internacional, Docu TVE en España y Ecuavisa en Ecuador), serie documental que recorre Europa y Latinoamérica para recoger experiencias e iniciativas de los ciudadanos en el marco de la Nuevas Tecnologías y la Sociedad de la Información. También ha sido guionista de la serie documental Euroregión, Século XXI (TVG Internacional y RTP en Portugal).

Resumo

A lo largo de los últimos años la proliferación de dispositivos de telefonía dotados con cámara de vídeo ha sido clave en el desarrollo de las redes sociales y han marcado nuestra relación con la imagen audiovisual. Sin embargo, en la mayor parte de las ocasiones el uso de estos dispositivos se realiza de forma intuitiva y sin reflexión en torno a la imagen. La presente comunicación tiene como objetivo mostrar un nuevo uso de estos dispositivos en la enseñanza del lenguaje audiovisual así como hacer una introducción a la realización y narrativa audiovisual. Para ello, analizaremos diferentes casos que se han realizado en varios centros de enseñanza en los que mediante el uso de móviles y de forma práctica se ha realizado una introducción a la imagen audiovisual y se ha provocado una reflexión en torno a la imagen así como a nuestra relación con las nuevas tecnologías y su presencia en nuestro día a día.

Título

La elaboración de un vídeo musical como apoyo a la construcción del conocimiento

Tema

Cinema, novas narrativas, novas tecnoloxías

Autor

Nidia Fernández Varela

Nota biográfica

Doctora en Filosofía y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional a Distancia. UNED. España. Madrid. Practitioner en P.N.L. Talent Institut. Licenciada en Pedagogía Musical. Convalidación expedida por el Ministerio de Educación y Ciencia de Madrid. Logopeda. (Psicopatología del Lenguaje y su Rehabilitación) ICSE. Título reconocido por la Universidad Pontificia de Comillas. Profesora Superior de Educación Musical. Escuela de Artes. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Córdoba. República Argentina. Profesora de Piano. Conservatorio Provincial de Música " Félix T. Garzón". Córdoba. República Argentina.

Resumo

La actividad que se describirá a continuación se desarrolló en una clase de 2º de la ESO en el Colegio Ártica. Es el resultado final de dos proyectos desarrollados durante el primer trimestre del curso escolar 2011-2012, cuyo contenido giraba en torno al sonido y la voz humana. Concluir dos proyectos con la edición de un video permitió no sólo ofrecer nueva concepción del video y de la integración de las TIC al conocimiento, sino también, desde el punto de vista musical, tomar conciencia de los recursos musicales (voz y nuevas formas de instrumentación) empleados por los compositores del Siglo XX.

Con este trabajo se pretende dar a conocer una forma diferente de trabajar el video sobre la base de la narración de distintas propuestas desarrolladas en la clase de música. Se aspira con ello, a contribuir a la apertura de un nuevo canal de comunicación y creatividad entre el alumnado y el profesorado. Al combinar el video con otros recursos educativos, se ofrece la posibilidad de variar la concepción puramente icónico-visual del video y dotarle de un significado diferente. Así también, ofrecer una nueva estrategia didáctica que incremente la comunicación entre los estudiantes.